

UM VISLUMBRE ANTROPONÍMICO EM MACHADO DE ASSIS

AN ANTHROPONIMIC GLIMPSE IN MACHADO DE ASSIS

Patrícia Andréa Borges 1

Greize Alves da Silva 2

Júlio Silva Vieira 3

Resumo: O presente estudo intenciona, a partir de uma visão antroponímica, discutir os nomes das personagens presentes em duas obras de Machado de Assis, sobretudo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Sugere-se que o processo de nomeação das personagens fornecido pelo autor seja pensado e estruturado em alguns aspectos, uma vez que se percebem zonas de contato entre o significado etimológico do nome com as características físicas e psíquicas das personagens, por vezes consoantes e outras vezes dissonantes. Para tanto, aborda-se algumas teorias apresentadas por pesquisadores que se debruçaram sobre técnica machadiana na construção de nomes das personagens.

Palavras-chave: Antroponímia. Onomástica. Machado de Assis.

Abstract: Current analysis investigates the names of the characters in Machado de Assis's literary works, especially the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, from an anthroponimic point of view. It is suggested that the naming process of characters provided by the author is thought and structured in some aspects. Contact zones between the etymologic meaning of the name as the characters' physical and psychic features may agree or disagree. For this purpose, some theories presented by researchers who have looked at Machado's technique in the construction of character names.

Keywords: Anthroponomy. Onomastic. Machado de Assis.

Mestranda em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem - 1
Unicamp. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/93333805995429243>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3803-4567>. E-mail: pattyaborges@gmail.com

Doutora em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do 2
Tocantins – UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4978318468793519>. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-2589-6750>. E-mail: greize_silva@yahoo.com.br

Bacharelado em Letras, Português. FFLCH-USP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0955253351261731>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0393-4648>.
E-mail: julio.silva.vieira@gmail.com 3

Introdução

Quando Machado cria sua história, na real cidade do Rio de Janeiro, transporta o leitor para o seu universo ficcional, fazendo com que o leitor seja muito mais que uma personagem e, também, para que aquele leitor do século XIX, (momento em que o livro foi escrito e publicado) situe-se no ambiente da narrativa. Isso é mais um mecanismo machadiano para a identificação do leitor com o narrador do livro, fazendo com que se crie um “efeito de realidade”.

Pretende este ensaio se ocupar de alguns aspectos inerentes à forma pela qual Machado de Assis se utiliza para nomear as suas personagens. O ato de nomear, para o autor, não se constitui como aleatório, é uma tensão entre o irônico, a metáfora e a ambiguidade: almeja-se demonstrar a relação que as personagens têm com seus respectivos nomes, sendo nessa conjectura que se desenvolve o exame em torno do significado etimológico desses nomes próprios e das características das personagens. Dessa forma, são estabelecidas zonas de contato entre a nomeação dos personagens e seus respectivos caracteres e personalidades que o autor (defunto) desenvolveu na obra.

Machado de Assis, como disse Lajolo e Campedelli (1980), é um “arquiteto de personalidades” e constrói pessoas que aparentemente são comuns, mas englobam um impressionante psicológico, o qual faz com que, mesmo com o passar do tempo, as obras do autor sejam atuais, no que tange à humanidade das personagens.

Diante do exposto, propõe-se analisar os nomes das principais personagens machadianas, presentes em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, por vezes, relacionando-as com outras personagens, obras do mesmo autor, a fim de demonstrar que os nomes dessas personagens propositalmente conotam suas personalidades e, em última instância, suas respectivas naturezas ônticas.

O Estudo da Onomástica

A Onomástica é ciência que estuda o nome em seus diferentes contextos de uso, tanto para nomear lugares (toponímia) como para nomear pessoas (antroponímia). Portanto, para termos a conformação de um signo, seja toponímico, seja antroponímico, considera-se a motivação para a qual foi denominado, que pode ser duplamente marcada, de acordo com Dick: “[...] o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (DICK, 1990, p. 18).

A análise onomástica exige conhecimento interdisciplinar, pois envolve diferentes áreas das ciências, tais como a antropologia, a sociologia, a geografia, a linguística, a história, dentre outras correlatas. Por seu turno, a antroponímia revela o estudo dos nomes de pessoas e as diferentes motivações que ocasionam o ato de nomear, as quais podem acontecer por diferentes razões: homenagem, beleza, etimologia do nome etc.. Considerando que, com o passar do tempo o significado etimológico do nome se esvazia semanticamente, sendo ressemantizado individualmente, ou seja, “[...] com base em traços semânticos que a significação nuclear da palavra já possui, ampliam-se seus valores de sentido para incluir novas denotações” (BIDERMAN, 2006, p. 36). A nomeação de uma pessoa traz uma individualização, na qual ao pensar em um nome, o raciocínio liga-se imediatamente ao objeto, completando assim o significado com o significante. Todavia, este processo só é possível quando a pessoa a ser citada é comum ao grupo em que ela se insere. Portanto, neste sentido, o nome “etiqueta” o objeto, para Guimarães (2002, p. 39-40) “A designação deve, em um universo dado, produzir a unicidade, a inequivocidade da referência”.

Segundo Pina-Cabral (2008, p. 7),

Nomes são elementos da linguagem que ‘estão por objetos’, no sentido de que captam a singularidade de um objeto determinado sem, no entanto, o descreverem. Os nomes de pessoa são ‘nomes próprios’; quer dizer que, por meio deles, é designado um objeto singularmente determinado e não um tipo de objetos.

Já para Brito (2003, p. 189) “Para ser batizado, um objeto tem que estar suficientemente distinguido na multiplicidade dos dados da percepção. Não se pode batizar um objeto para o qual não haja clareza sobre a sua identidade”.

Para tanto, considerando a especificidade do tema, surge, como estudo, uma área pouco explorada que é a Antroponomástica Literária, sendo esta uma abordagem recente da área da Onomástica, que se evidencia na leitura atenta das obras, evidenciando as principais personagens (e características físicas e comportamentais), além de análise etimológica e simbólica, para assim, tentar empreender busca nas intencionalidades do autor.

De acordo com Machado (2003, p. 28):

Quando um autor confere um Nome a um personagem, já tem uma ideia do papel que lhe destina. É claro que o nome pode vir a agir sobre o personagem e mesmo modificá-lo, mas, quando isso ocorre, tal fato só vem confirmar que a coerência interna do texto exige que o Nome signifique. É lícito supor que, em grande parte dos casos, o Nome do personagem é anterior à página escrita. Assim sendo, ele terá forçosamente que desempenhar um papel na produção dessa página, na gênese do texto.

Sendo assim, quando o autor nomeia uma personagem, cria uma “pessoa fictícia”, dando-lhe características humanas suficientes para que, em conjunto com o espaço físico criado, no caso de Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, antropomorfize a personagem, tornando-a factível para que esta seja paradigma de atribuição e referência nominal a pessoas reais, ‘batizando-a’, cirurgicamente pensado em relação à função e ao papel que a personagem irá exercer na obra.

Além do mais, para criar esse “universo ficcional”, o autor “lança mão” da inserção do leitor ao contexto e à partilha comum a esse mundo ao qual se explicará essa atribuição de nome, inclusive que irá diferenciar cada personagem dentre o panteão da própria obra. Para tanto, atribuir-se-á um “predicado” ou, o que para os gregos se definiria como um “epíteto”, ou seja, qualidade pela qual se particulariza e identifica essa personagem, de modo que ao ler o nome dela na obra se remeta, imediatamente, à qualidade (ou ao defeito, com seu efeito mais irônico) ao qual a personagem está associada, como, por exemplo, Eugênia, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 1971a): “A flor da moita”, referindo-se à concepção da personagem em uma moita, fruto de um adultério e, “Por que linda, se coxa? Por que coxa, se linda?”, referindo-se ao problema físico da personagem; ou a Capitu, em *Dom Casmurro* (ASSIS, 1971b), a que tem “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, apelido dado pelo agregado João Dias, ou mesmo “olhos de ressaca”, alcunha dada por Bento Santiago, o Casmurro.

Enquanto as pessoas reais têm sua “identidade [...] sempre ameaçada pela natureza necessariamente social do processo de constituição de significado” (PINA-CABRAL, 2008, p. 9), as personagens “cristalizam e imortalizam” suas características imutáveis dentro do contexto em que estão inseridos, além de todos os leitores que partilham daquele universo de leitura. De acordo com Barthes:

[..] o nome próprio dispõe das três propriedades atribuídas pelo narrador à reminiscência: o poder de essencialização (pois designa apenas um referente), o poder de citação (pois é possível evocar sempre que se queira toda essência contida no nome, bastando para tanto que ele seja proferido), o poder de exploração (pois é possível ‘desdobrar’ um nome próprio, tal como se faz com uma lembrança): de certa forma, o nome próprio constitui a forma linguística da reminiscência (BARTHES, 1972, p. 58).

Em uma obra literária as nomeações não são feitas de forma arbitrária, pois há todo um pensar do autor, tornando consoante ou destoante o nomeado com a sua

personalidade. Entretanto, há um processo de individualização e etiquetagem da personagem mediante ao leitor, como podemos evidenciar na citação de “Capitu”, por exemplo, cuja referência é direta a obra *Dom Casmurro*, posto que não há outra “Capitu” tão conhecida. O nome da personagem ficou tão presente na literatura clássica brasileira que nenhuma outra personagem conseguiria ser nominada de “Capitu” sem levar o estigma da machadiana.

Para Caldwell (2002), Machado de Assis não nomeia seus personagens ao acaso; a intencionalidade da denominação do autor “se faça mais patente quando da escolha dos nomes de pessoas em obras literárias” (CARVALHINHOS, 2009, p. 83). Assim, ao construir a personagem, Machado de Assis nomeava com a intenção de dar-lhes características que viessem de encontro à personagem ou ao encontro da personagem.

Por ser um grande construtor de personagens, Machado sabe da importância do ato de nomear, conforme aparece em Caldwell (2002), que declara que os nomes possuem fortunas, histórias e conotações inescapáveis.

Ora, é sabido que os nomes valem muito. Casos há em que valem tudo [...]. De um ou de outro modo, a influência dos nomes é certa”. E ele acrescenta que, se o leitor duvida disso, basta retomar Suetonius e, no lugar onde se lê “Messalina” ler-se “Anastácia”, e observar como o conto de horror, escândalo e nauseante obscenidade de Suetonius se torna pálido (CALDWELL, 2002, p.61).

Observa-se que na dimensão não-ficcional os nomes próprios têm função distintiva, e não conotativa, pois não inferem atributos ou características à pessoa nomeada, mas simplesmente a singularizam perante outros indivíduos (ULLMANN, 1967, p. 21). É por isso que alguém cujo nome seja Claudio não, necessariamente, tenha por característica ser manco, fato que por si só demonstra o esvaziamento semântico, uma vez que os indivíduos nomeiam a seus filhos com um termo que significa manco pelo simples fato de não conceberem o que aquele termo significa etimologicamente.

A Teoria do ato de nomear do autor em uma obra literária

Caldwell (2002) demonstra que Machado não nomeia ao acaso, uma vez que as nomenclaturas referidas aos personagens são cuidadosamente pensadas e analisadas para a contribuição de uma personagem, sejam suas características positivas ou não. O nome faz parte da etiqueta desta personagem e contribuirá com a imagem que o leitor formará dela. Sendo assim,

[..] a motivação proposta para nomes de personagens de realidade inexistente é tomada parcialmente, por meio do intuito, muitas vezes, deliberado, de atribuir propriedades a um ser individual com uma função específica em um determinado enredo. Há um direcionamento de sentidos que nos leva a acreditar que o nome é criado em uma relação de motivação, ainda que, tomado em diferentes circunstâncias, esses sentidos direcionados se esvaem. Há, portanto, por uma finalidade polissêmica, uma mobilização de sentidos, possível pela memória da língua, pronta a estabelecer e manter a ilusão de que o signo é motivado e instaura sentidos à essência do ser nomeado. (FERNANDES, 2014, p. 27).

A intencionalidade do autor na constituição da personagem é notória e, para Machado, a instituição Igreja Católica contribui como parte intrínseca da personagem, seja para criticar, seja para atribuir características benéficas de piedade, de compaixão, ou seja, de amor ao próximo. Machado não ousa muito batizando suas personagens com nomes estrangeiros, mesmo

com toda influência francesa à época de sua obra. Só o faz quando é para realmente falar sobre uma personagem de origem estrangeira, tal como o psiquiatra holandês de “O Lapso”, Jeremiah Halma, Ludgero Barata, ou Emma Sterling, a mulher inglesa de “O Imortal”.

As personagens machadianas conhecem exatamente a maneira e o motivo pelo qual foram nomeadas. Em Dom Casmurro, dois personagens merecem destaque: Bento Santiago e Capitu. Para Dom Casmurro, apelido dado a Bento Santiago por um desconhecido, ilustra a ironia presente no ato da atribuição de um apelido, fornecido na obra por um desconhecido. Então, Machado assim o diz:

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me **Dom Casmurro**. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” —“Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renania; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” —“Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.” (grifo nosso)

Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! (ASSIS, 1971a, p. 177)

Etimologicamente, Casmurro significa teimoso, obstinado, características psicológicas do próprio personagem. Seu segundo e terceiros nomes: de Albuquerque Santiago, possui um viés mais historiográfico: Albuquerque parece se remeter ao fundador do império português na Índia, Dom Afonso de Albuquerque, além de servir na África e na Itália contra os turcos. Tinha singular devoção pelo apóstolo Santiago, tal que, quando morreu, seu corpo foi envolto no manto da Ordem Militar de Santiago. Já o nome Santiago compreende duas significações: do religioso apóstolo Santiago (também conhecido como Santiago de Compostela) ou da junção de Santo com Iago, da obra shakespeariana *Othello* (CALDWELL, 2002), aquele que semeia a discórdia; Iago sabia que o ciúme é uma grande fraqueza humana. Sendo assim, Bento Santiago tem a desconfiança no nome e a teimosia no apelido.

Capitu é Maria Capitolina Santiago (após se casar com Bentinho), filha do Senhor Pádua e de Dona Fortunata. Machado faz uma alusão ao significado do nome brevemente em sua obra. Provavelmente deriva de Capitolina, remetendo-se ao Capitólio Romano.

Machado inicia o capítulo com a descrição da sala que Dom Casmurro reproduz no Engenho Novo, tal qual a casa em que foi criado à rua de Matacavalos, citando quatro imperadores que moraram no capitólio e foram traídos. Bento Santiago, que tem o ciúme e a desconfiança no nome, cria um ambiente cheio de traição, cuja raiz do nome deriva do nome de sua esposa.

Nos quatro cantos do teto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de **César, Augusto, Nero e Massinissa**, com os nomes por baixo... **Não alcanço a razão de tais personagens.** (ASSIS, 1971a, p. 178) [grifo nosso].

Há outra significação importante para o nome de Capitu; de acordo com Caldwell (2002, p. 80), há uma santa chamada Capitolina, que tem uma criada chamada “Erothis, Erothis ou Erothis” (nome proveniente do grego e significa “deus do amor”), viveram seu martírio na Capadócia, em 304 d. C. Seu dia de devoção é comemorado em 27 de outubro. Ou seja, ela não é só o ambiente da traição, mas também é aquela que sofre o martírio mesmo estando com o amor.

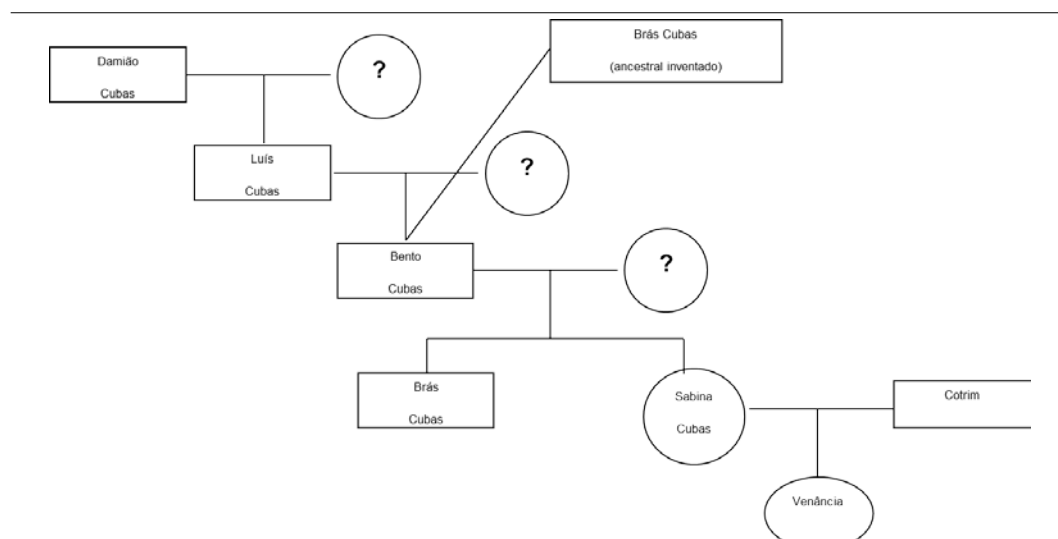
Os personagens da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* A genealogia de Brás Cubas

O excerto a seguir ilustra uma possível genealogia familiar do protagonista do romance:

O fundador de minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós - dos avós que a minha família sempre confessou - porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde da Cunha. [...] Como este apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto do Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um calembour. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor Brás Cubas, que fundou a vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas. (ASSIS, 1971b, p.5).

A árvore genealógica ilustra a construção da família de Brás Cubas. O bisavô de Brás, Damião Cubas, era um homem simples, cuja profissão foi tanoeiro e depois lavrador. Trabalhou e investiu dinheiro para que seu filho, Luís Cubas, tivesse estudo. Este avô de Brás estudou em Coimbra, tornando-se licenciado e amigo de pessoas influentes, cujo filho, Bento Cubas, veio a ser o pai do autor-defunto – Brás Cubas.

Figura 1. Árvore genealógica do personagem Brás Cubas



Fonte: Elaboração própria.

O caso de Brás Cubas expõe um singular fenômeno onomástico, isso porque o nome próprio Brás Cubas surge, desde as mais remotas referências, já com esvaziamento semântico, haja vista o próprio discurso do narrador que, por sua vez, instaura ele próprio motivações e origens arbitrárias e, até mesmo, fantasiosas para, por um lado, o sobrenome Cubas e, por outro lado, ao prenome Brás.

De acordo com Dick (1990, p. 221): “a importância de se ter um bom nome, segundo as tradições grupais, para atrair benefícios de um mundo superior”, exemplifica as motivações pelas quais se infere que Bento Cubas tenha inventado uma genealogia. Brás, portanto, era uma invenção desde a sua gens. Inclusive, o próprio Bento Cubas, o qual inventara a “origem histórica da família”, não só cria o passado glorioso, mas realmente passa a acreditar na mentira:

Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! **E dizia isto com tal convicção, que eu, já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama**, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: **uma imaginação graduada em consciência**. (ASSIS, 1971b, p.52) [grifo nosso].

Assim, o nome próprio “Brás Cubas” vai como se em oposição ao processo comum de esvaziamento semântico testemunhado no plano não-ficcional, no qual o nome inicialmente está em forma transparente e, conforme deixa de instaurar uma conotação para passar a denotar e, essencialmente, distinguir indivíduos, adquire forma opaca – contexto no qual, em última instância, o esvaziamento semântico é instaurado.

Além do fato do nome Brás Cubas surgir de modo oposto ao dos nomes próprios de pessoas reais, ainda se observa que o nome em questão passa a denotar algo conforme o romance se finaliza, inviabilizando que se dê o fenômeno característico do plano real (os nomes próprios de pessoas reais, ao apresentarem esvaziamento semântico, passam a ter como função, exclusivamente, distinguir indivíduos e não significar algo).

Assim, conclui-se que o nome da personagem “Brás Cubas” esboça um fenômeno que caminha em sentido contrário ao observado no que foi exposto até aqui, pois se constata que esse nome começa em condição de esvaziamento semântico e passa a constituir uma conotação, já nem denotando algo ou, muito menos, distinguindo indivíduos, cujo conteúdo semântico sintetize, em caráter conotativo, não somente o personagem nomeado – porém, sobretudo, a própria obra.

É ainda importante ressaltar que se considerarmos como inicial a condição de esvaziamento semântico, pois o nome “Brás Cubas”, desde o início, apresenta-se em forma opaca e de origens etimológica e “genealógica” pouco ou nada confiáveis. O próprio autor, ou até mesmo o narrador, não discorre sobre a etimologia, seja do prenome Brás ou quanto ao sobrenome Cubas, estabelecendo como referência “histórica” um relato cheio de considerações arbitrárias e fantasiosas sobre a origem do nome em questão.

Na vertente da visão religiosa, cabe mencionar o nome do pai de Brás Cubas, Bento Cubas, para o qual, há um sistema de nomeação machadiano que considera o calendário católico, como este, visto em Emerenciana, a tia de Brás Cubas, tal como em Bento, que é uma forma usual em Portugal para “Benedito”.

A frequência do uso de “Bento” e o catolicismo arraigado do Brasil imperial (e início do republicano) explicam a ampla utilização do nome nas obras de Machado. Bento tem o significado do adjetivo de “abençoado, consagrado ao culto por meio da cerimônia religiosa, favorecido pela Fortuna, próspero, abastado” (CALDWELL, 2002, p. 66).

Bento Cubas é de origem humilde, que inventa a genealogia da família Cubas, chega a ser uma alma simples e até um tanto ingênua, se for considerado que nas “traquinagens” do menino Brás Cubas o pai não tomava atitudes de penalizações, pelo contrário, sempre acaba achando graça, distribuindo a frase “– Ah! Brejeiro!”. Além de chegar realmente a acreditar na mentira que inventara da família, pois quando Brás Cubas é trocado no noivado com Virgília por

Lobo Neves, considerando que sua expressão de consternação é “– Um Cubas!”, como se a família de Virgília realmente trocasse uma família de ancestrais valorosos. Não se pode deixar de considerar a definição que o autor dá a Bento Cubas a partir do olhar da esposa e mãe de Brás : “O marido era na terra o seu deus” (ASSIS, 1971b, p.16).

Outras Personagens

Em outras personagens, é possível averiguarmos o mesmo processo de construção, como o encontrado no nome Brás Cubas. É o caso do professor Ludgero Barata e do escravo Prudêncio. Portanto, quando Machado de Assis coloca o professor Ludgero Barata morando na rua do Piolho (atual rua da Carioca) chega a empregar uma ironia cômica, tal como escreve no romance:

Ludgero Barata, um nome funesto, que servia aos meninos de eterno mote a chufas. Um de nós, o Quincas Borba, esse então era cruel com o pobre homem. Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças, – umas largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. ASSIS, 1971b, p. 37).

Também demonstra o mesmo cuidado ao nomear o escravo Prudêncio, o qual continua trabalhando para Brás Cubas mesmo depois de liberto e, na continuidade da narrativa, compra um escravo e usa com este os mesmos tratamentos que Brás Cubas dispensava a ele quando criança. Prudêncio, que deriva da palavra prudência, devia ser aquele que pondera, que é sensato e tem paciência, no entanto, a narrativa evidencia exatamente o contrário: considerando as opressões sofridas na vida quando escravo-criança de Brás, ao ter poder quando adulto, por se tornar escravo liberto, reage exatamente como o opressor. Espelha o mesmo tratamento a ele dispensado um dia. Portanto, a ironia na nomeação é marcante da forma como Machado nos demonstra que a natureza humana perpetua as relações de poder entre opressores e oprimidos, quando o último toma socialmente o lugar do primeiro.

Destaca-se outra nomeação na obra, D. Plácida, principalmente pela sua função no romance, já que é a pessoa que “acoberta” os encontros fortuitos entre os adúlteros Brás Cubas e Virgília. Aqui há uma convergência do significado do nome com as características da personagem, conforme aparece em Caldwell (2002, p. 56): “Muitas vezes um nome é idêntico, ou relacionado, ou parecido, a um substantivo, adjetivo ou verbo, cujo significado indica um traço dominante do personagem fictício que o detém”.

Dona Plácida é descrita por Machado como aquela que tem todas as virtudes de sua etimologia, por isso, no início do romance é tão contrária às atitudes de Brás e de Virgília ao que se refere à traição. Ela é resistente à situação dos amantes, mas com o tempo acaba cedendo e se acostumando. Sua história de vida de muito trabalho e poucas alegrias demonstra que o ato de ceder foi uma opção pela calma e pelo sossego, característico do seu nome. Ela acaba sendo vencida pela situação que ela repudia apenas pela sobrevivência.

Outra personagem feminina que merece destaque é Marcela, sendo assim descrita pelo autor:

[...] a verdade é que Marcela **não possuía a inocência rústica**, e **mal chegava a entender a moral do código**. Era boa moça, lépida, **sem escrúpulos**, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. (ASSIS, 1971b, p. 22) [grifo nosso].

O nome Marcela, por ser oriundo de Marcelo, merece uma contextualização acerca da Convenção Romana dos Nomes, para os quais, os nomes femininos provêm, pelo

menos os de origem latina, dos nomes gentílicos da família do pai. Por exemplo, se o pai se chamasse Lívio (*Livius*), todas as suas filhas se chamariam (*Livia*), podendo ser diferenciadas por *Maior* (mais velha) e *Minor* (mais nova), caso fossem apenas duas. Se houvesse mais, seriam distinguidas por *Prima* (a primogênita), *Secunda*, *Tértia* e assim por diante. Se elas tivessem características muito peculiares e distintas, poderiam ser atribuídos epítetos aos nomes, por exemplo, *Livia Amanda* (a adorável Livia), *Livia Superba* (a altiva Livia). Mais tardiamente na República, passou-se à distinção aristocrática, seguia-se o genitivo (sufixo latino que indica a procedência, origem) do terceiro nome do pai (chamado *agnomen*), portanto, o nome da filha de Júlio César seria Júlia de César (*Iulia Caesaris*), mas também poderia receber o nome do marido, ainda considerando a filha de César, que casou-se com o general Pompeu, poderia ser a Júlia de Magno (*Iulias Magnis*).

Para Guérios (1994, p. 170-171), o nome Marcela provém latim, sendo o feminino de Marcelo (*marcellus* – pequeno martelo), que, por sua vez, é diminutivo de Marcos (*marcus* – grande martelo de ferreiro), cognato de *Mars* ou *Marte*, o deus da guerra no panteão de deuses latinos. Portanto, a Marcela machadiana, descendente de espanhóis, pode ser uma “pequena guerreira” que precisou sobreviver como pôde sendo filha de um hortelão em Astúrias ou de um letrado em Madrid, usando as armas que tinha a disposição: sua beleza. A “linda Marcela” como descreveu várias vezes o defunto-autor quando apaixonado: “... Marcela amou-me por onze meses e quinze contos de réis; nada menos” (ASSIS, 1971b, p. 42) Machado fez com que a personagem terminasse seus dias atrás de um balcão, envelhecida e, ironicamente, com uma doença de pele. A etimológica Marcela, guerreira de Marte, perdeu seus atributos de luta, como um soldado cansado que volta da batalha derrotado e sem glória.

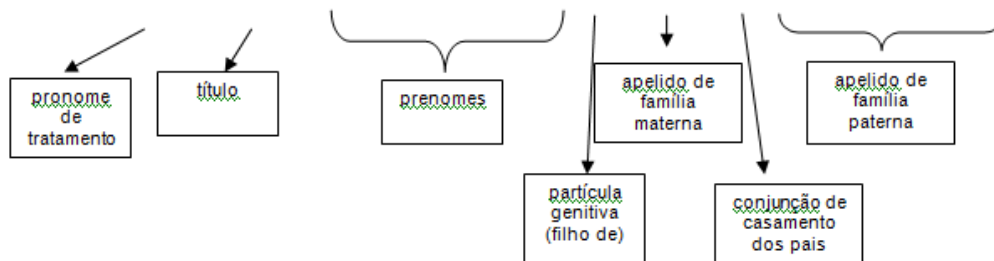
Os padrinhos de Brás merecem destaque devido à função do nome enquanto *status* social, o Senhor Coronel Paulo Vaz Lôbo César de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos e a Senhora Dona Maria Luísa de Macedo Resende e Sousa Rodrigues de Matos são descendentes de portugueses que lutaram na guerra de expulsão dos holandeses do Brasil em 1654. A utilização dos nomes aqui se dá pela quantidade que possuem: ele possui oito (entre prenomes, cognomes e apelidos de família) e ela sete (considerando o nome recebido depois de casada, portanto, ela possui menos nomes do que o marido e, provavelmente, sua família era menos abastada que a do esposo). De acordo com Carvalhinhos: “Esta categorização é importante para que possamos relacionar o nome com a classe social [...] Socialmente, a maneira como uma pessoa é designada reflete variações do nível da fala (adequação às mais diversas situações sociais)” (CARVALHINHOS, 2002, p. 129).

Segundo a pesquisadora, estes nomes são introduzidos por título (coronel e dona) e por pronome de tratamento (senhor e senhora), que indica a condição social e o prestígio adquirido junto com a comunidade. Corroborando com Carvalhinhos (2002), Machado diz: “Cuido que os nomes de ambos foram das primeiras coisas que aprendi; e certamente os dizia com muita graça, ou revelava algum talento precoce, porque não havia pessoa estranha diante de quem me não obrigassem a recitá-los” (ASSIS, 1971b, p. 14)

De acordo com Guérios (1994), a partícula ‘de’ em português pode ser usada para distinguir o gens da família, além do local de nascimento. No caso dos padrinhos de Brás, demonstra ser um resquício do genitivo latino, o qual remete à origem da família do pai; e a conjunção e, ao casamento e à junção das famílias. Sendo assim,

Figura 2. O nome do padrinho de Brás Cubas

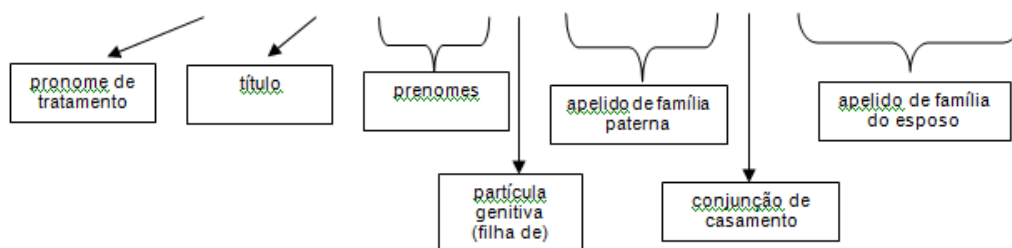
Senhor Coronel Paulo Vaz Lôbo César de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3. O nome da madrinha de Brás Cubas

Senhora Dona Maria Luísa de Macedo Resende e Sousa Rodrigues de Matos



Fonte: Elaboração própria.

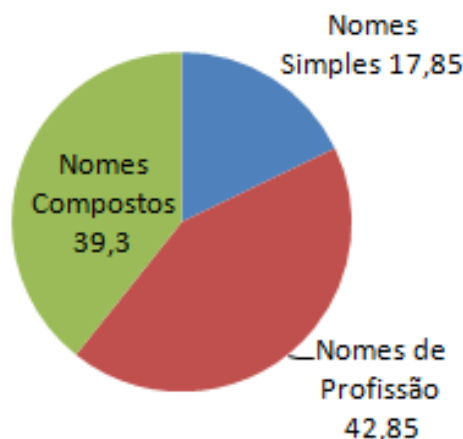
É importante ressaltar que a combinação de prenomes e sobrenomes em relação à coordenação, releva, inclusive, traços de hierarquizados de poder, dominação e subordinação entre as personagens. Demarcando além do *status* social como as funções que cada personagem exerce na obra. Portanto, de acordo com Câmara (2000, [s/p]): “Apresentar o personagem só pelo prenome, só pelo sobrenome, pelo nome completo, pelo hipocorístico constitui um traço revelador das intenções do autor”.

Já com representação hipocorística aparecem: Quincas Borba, diminutivo carinhoso para Joaquim; “Nhonhô”, abreviando a palavra ‘senhor’ (não necessariamente carinhosa, pode ser apenas uma abreviatura e não um hipocorístico), tratamento dado pelos serviçais ao filho de Virgília e a outros meninos de casa; e Iaiá, forma diminutiva de sinhá (que já é o diminutivo de senhorita), maneira pela qual Dona Plácida trata Virgília.

Analisando apenas a distribuição dos nomes, pode-se perceber que em Brás Cubas a quantidade de nomes compostos é grande, dando-se baixa ênfase nas personagens com nome simples. É preciso considerar, também, a quantidade de personagens que aparecem como referência apenas à profissão (somente presente nas personagens secundárias), conforme pesquisas realizadas em que se percebem que os nomes compostos compõem 39,3%; nomes simples, 17,85%; e os nomes de profissão, 42,85%.

Gráfico 1. Distribuição dos nomes em Memórias Póstumas de Brás Cubas

Análise Quantitativa entre Nomes Simples, Compostos e de Profissão



Fonte: Elaboração própria.

Considerações Finais

O ato de nomear de um autor não ocorre ao acaso, há uma intencionalidade implícita tanto na nomeação das personagens, quanto na construção do ambiente literário. Assim, Machado busca, ao nomear suas personagens, tratar das características humanas, pensando tanto em suas qualidades, quanto nos seus defeitos, fazendo com que isso fique evidente no desenrolar de sua narrativa. Assim, apresenta-se, por exemplo, o de “Brás Cubas” de modo a demonstrar, justamente, a relação proposital e, sobretudo, significativa entre os personagens e seus respectivos nomes.

As características consoantes e dissonantes das personagens com os nomes etimologicamente atribuídos evidenciam um profundo conhecimento e relação com a cultura clássica, pois as referências não são apenas etimológicas, mas também históricas, envolvendo grandes momentos da história ocidental. Dessa forma, o autor instaura a cada elemento da narrativa uma importância significativa à obra como um todo, seja quanto a nomes ou referências, por exemplo, espaciais.

Machado de Assis, assim como outros autores, é portador de um cabedal de conhecimento impressionante, utilizando-se de vários aspectos psicológicos, históricos e de profundo conhecimento da alma humana.

Este conhecimento e estas construções, aliadas a uma toponímia carioca cuidadosa, cria um “efeito de realidade”, um “simulacro do real” que transporta o leitor de outras épocas, além de tratar do leitor de sua época de forma muito peculiar. Então, há personagens essencialmente humanas, em um ambiente topográfico real, com diversas chamadas do leitor à obra, é uma inclusão total deste leitor do século XIX, que, ao ler a obra publicada e andar nas ruas do Rio de Janeiro imperial, consegue sem nenhuma dificuldade identificar as personalidades descritas por Machado.

Referências

ASSIS, M. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Abril, 1971a.

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Abril, 1971b.

ASSIS, M. Memórias Póstumas de Brás Cubas. In: **Obra Completa**, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

BARTHES, R. **Novos ensaios críticos**. São Paulo: Cultrix, 1972.

BIDERMAN, M. T. C. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Ciência e Cultura**. N° 2, vol. 58 (abr./ jun.). São Paulo: 2006.

BRITO, A. N. **Nomes próprios: Semântica e Ontologia**. Brasília: Editora da UnB, 2003.

CALDWELL, H. **O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro**. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CAMARA, T. M. N. L. Os antropônimos em Machado de Assis: uma leitura morfossintática. In: IV Congresso de Linguística e Filologia, 2000, Rio de Janeiro. **Caderno de resumos do CIFE-FIL**, 2000. Série IV, no.07. s/p. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07_10.htm>. Acesso em 05 ago. 2019.

CARVALHINHOS, P. J; ANTUNES, A. M. Princípios Teóricos da Toponímia e Antroponímia: a questão do nome próprio. **Cadernos do CNLF**, livro dos minicursos RJ: CIFEFIL, 2007. Vol XI, nº. 2, pp.: 108-121 Ago/2007.

CARVALHINHOS, P. J. Antroponímia: um velho caminho, um novo instrumental de análise linguístico-literária. **Revista Álvares Penteado**, São Paulo, 2002, v. 4, n. 8, p. 115-135.

CARVALHINHOS, P. J. As Origens dos Nomes de Pessoas. Domínios de Linguagem - **Revista Eletrônica de Linguística**, v. I, p. n. 1, 2007.

CARVALHINHOS, P. J. Interface onomástica/literatura: a toponímia, o espaço e o resgate de memória na obra Memórias da Rua do Ouvidor, de Joaquim Manuel de Macedo. In: XII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2009, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF - Leitura e Oralidade**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2008. v. XII. p. 83-99.

DICK, M. V. P. A. Aspectos funcionais da Antroponímia. In: **Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos**. 2ª ed., São Paulo: Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1990a.

DICK, M. V. P. A. Os nomes do nome. In: **Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos**. 2ª ed., S. Paulo: Serviços de Arte Gráfica da FFLCH/USP, 1990b.

ECKERT, K.; RÖHRIG, M. Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de Vidas Secas e de São. **Revista de Estudos Da Linguagem**, [S.l.], v. 26, n. 3, p. 1277-1294, junho 2018. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12826>>. Acesso em: 05 aug. 2019.

FERNANDES, T. B. M. **Os personagens cinematográficos de Woody Allen: um estudo enunciativo do processo de nomeação**. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (Mestrado). Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2014.103 f.: il.

GUERIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 4ª ed. rev., São Paulo: Edit. Ave Maria, 1994.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

HELENA, L. Nomeação, criação e linguagem em A hora da estrela, de Clarice Lispector: refle-

xões sobre o lugar de Deus no paradigma da linguagem. In: **SOLETRAS**, N. 26, Rio de Janeiro: UERJ, jul.-dez. 2013, p. 170-179. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/download/9351/7893>>. Acesso em: 30 jan 2018.

HOUAISS, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2003.

LAJOLO, M.; CAMPEDELLI, S. Y. **Literatura comentada**: Machado de Assis. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MACHADO, A. M. **Recado do nome**: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MILL, S. **System of Logic, Rationative and Inductive**. New York: Harper & Brothers Publishers. 1867. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=E9CupFDGDRwC&printsec=frontcover&dq=MILL,+Stuart.+System+of+logic>> Acesso em jun. 2019.

PINA-CABRAL, J. "Outros nomes, histórias cruzadas: apresentando o debate". **Etnográfica** [En línea], vol. 12 (1), 2008, Puesto en línea el 19 junio 2012, consultado el 30 enero 2019. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etnografica/1589>>.

SACCHETTO, M. E. Dom Casmurro: um nome, uma identidade. In: V Congresso de Letras, 2005, Caratinga. **Discurso e Identidade Cultural**, 2005.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

SEIDE, M. S. **Métodos de pesquisa em antroponomástica**. Domínios de Lingu@gem, v. 10, n. 3, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/32482>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

SUZANNE, B. **Attic Tribes and Demes**. Disponível em: <<https://www.plato-dialogues.org/tools/attica.htm#demoi>>. Acesso em: 05 ag. 2019.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: Uma introdução à ciência do significado. 2ª ed. Lisboa: Calouste-Goulbenkian. 1967.

Recebido em 13 de setembro de 2019.

Aceito em 20 de fevereiro de 2020.